

**A POSTURA DA ESCOLA ANTE A HERANÇA CULTURAL DOS ALUNOS****The school's stance towards the cultural heritage of the students.**

Joelma de Souza Silva<sup>1</sup>,

<sup>1</sup> Joelma de Souza Silva. Graduada em Letras na Universidade do Estado da Bahia, UNEB em 2018. Pós-graduada em Libras pela Faculdade de Educação São Luís em 2019. Mestra em Ciências em Educação Cristã. Christian College of Educaler. E-mail: joelmass2015@hotmail.com

**Resumo**

A postura da escola ante a herança cultural dos alunos pode definir o êxito ou o insucesso escolar das crianças e interferir diretamente no futuro delas. O objetivo desse trabalho é refletir sobre as consequências que a postura escolar produz nos alunos e as implicações que causam a curto e longo prazo. Utilizou-se uma revisão da literatura, na qual se considerou o conceito de Capital Cultural de Pierre Bourdieu, o que tornou possível perceber o peso da escola para aqueles pertencentes a classes menos privilegiadas. O reconhecimento da herança cultural é o primeiro passo para a efetivação de práticas pedagógicas inclusivas que respeitem a individualidade de cada aluno. É imprescindível que educadores e gestores escolares se comprometam a integrar essas culturas no cotidiano escolar, criando um currículo que reflita a diversidade da sociedade. A adoção de métodos que promovam a troca cultural e o respeito às tradições não apenas enriquece o aprendizado, mas também fortalece a identidade dos alunos, fazendo com que se sintam valorizados e pertencentes.

**Palavras-chave:** Cultura. Família. Desigualdade. Êxito e Fracasso Escolar.

**Abstract**

The school's stance towards students' cultural heritage can define their academic success or failure and directly influence their future. This work aims to reflect on this topic, the consequences of school attitudes on students, and the short- and long-term implications. A literature review was used, considering Pierre Bourdieu's concept of Cultural Capital, which allowed us to understand the weight of the school for those belonging to less privileged classes. Recognizing cultural heritage is the first step towards implementing inclusive pedagogical practices that respect the individuality of each student. It is essential that educators and school administrators commit to integrating these cultures into daily school life, creating a curriculum that reflects the diversity of society. Adopting methods that promote cultural exchange and respect for traditions not only enriches learning but also strengthens students' identity, making them feel valued and like they belong.

**Keywords:** Culture. Family. Inequality. School Success and Failure

**1 INTRODUÇÃO**

A escola desempenha um papel fundamental na formação integral dos alunos, não apenas no desenvolvimento acadêmico, mas também na construção de identidade, e na valorização das diversidades culturais presentes em suas comunidades. Em um mundo cada vez mais globalizado, onde as interações culturais são constantes e complexas, é imprescindível que as instituições de ensino reconheçam e respeitem a herança cultural

dos estudantes. Essa abordagem enriquece o ambiente escolar e contribui para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos.

Em tese, a escola é uma instituição inclusiva, libertadora e imparcial, que acolhe em seu espaço estudantes de todas as esferas e possibilita a cada um deles, um futuro digno e promissor. Mas, não é preciso olhar mais de perto, nem com um olhar mais crítico para perceber que na realidade, não funciona dessa forma. O objetivo desse trabalho é refletir sobre as consequências que a postura escolar produz nos alunos e as implicações que causam a curto e longo prazo. Tendo como base a percepção de Capital Cultural de Pierre Bourdieu. Para ele, a cultura ou o acesso, e acúmulo de saberes e informações que um indivíduo possui e desenvolve ao longo do tempo é um recurso de poder, tal qual o capital econômico, capaz de interferir e determinar o êxito ou o fracasso escolar. Nesse contexto, a escola deveria desenvolver mecanismos para lidar com as desigualdades responsáveis por esse fracasso. No entanto, a pedagogia adotada pelas instituições escolares encoberta uma tradição elitista e irracional que aumentam ainda mais essas desigualdades.

O problema é elaborado através da contextualização do assunto e para esse ponto de discussão, Marconi e Lakatos (1999), diz que:

O problema deve ser levantado, formulado, de preferência em forma interrogativa e delimitado com indicações das variáveis que intervêm no estudo de possíveis relações entre si. É um processo contínuo de pensar reflexivo, cuja formulação requer conhecimentos prévios do assunto (materiais informativos), ao lado de uma imaginação criadora (MARCONI; LAKATOS, 1999, p. 28).

Pretende-se com esse trabalho ponderar sobre as consequências das desigualdades para a escola, os alunos e a sociedade, bem como refletir sobre as possibilidades de tornar a educação mais significativa e lógica para a realidade de todos os alunos, sem privilegiar grupos.

## **2 FUNDAMENTAÇÃO TEÓRICA**

A educação contemporânea exige um olhar que ultrapasse a simples transmissão de conteúdos universais. Quando o aluno entra na sala de aula, ele carrega consigo um "currículo vivo": o conjunto de valores, linguagens, tradições e saberes práticos herdados de sua família e comunidade. A postura da escola diante desse patrimônio define se ela será um ambiente de inclusão ou de exclusão. Historicamente, o sistema escolar tendeu a ignorar as especificidades culturais em prol de uma cultura padronizada. No entanto, uma postura pedagógica moderna exige a valorização da identidade, nisso a legitimação dos saberes prévios do aluno deve ser levado em consideração pelo professor, bem como o material utilizado, o qual deve refletir sobre a diversidade étnica e social de cada indivíduo, mas criando um padrão que valorize a

coletividade, uma vez que o todo é a turma, e ainda, dar autonomia à história de cada espaço, garantindo a escuta empática de cada grupo e suas singularidades. Senna, (2022), diz sobre o bilinguismo cultural:

"É neste mundo que se encontra a escola e o objeto que estudamos aqui, o bilinguismo cultural. Não a escola dos antigos, tampouco a dos grafismos, lápis e borracha, mas a escola que há de formar humanos para além dos horrores da pandemia — de ambas... — íntegros como humanidade e convictos de que para ser é necessário acolher o diverso. Todos os autores aqui reunidos têm nessa escola contemporânea um objeto permanente de investigações e, a meu convite, apresentam uma contribuição específica para o estudo do bilinguismo cultural no contexto da educação e da diversidade de seus alunos." (SENNA, 2022, p. 7)

O que se busca não é a troca da cultura do aluno, por uma cultura institucional letrada, a postura adotada deve ser a de criar espaços para que as culturas se encontrem, se entrelacem e criem-se seus próprios perfis, tornando o aluno capaz de transitar entre seu universo social e cultural, até o conhecimento científico. O que é de herança cultural deve servir de base para agregar novos conhecimentos, pois, não se deve considerar erro o exercício inicial realizado dentro do desconhecido. Desconstruir estereótipos está no dever ético da escola, não permitindo espaço para o julgamento das culturas minoritárias que em muitas das vezes é vista como “inferior” ou “folclórica”. Cabe ainda a escola descolonizar os currículos, trazendo novas perspectivas históricas e artísticas que deixem de lado o eurocentrismo, promover ética e empatia, criando projetos que estimulem o respeito às diferenças religiosas, linguísticas e regionais, abrir as portas para a integração da família, para que haja o conhecimento por parte de toda a comunidade das culturas ali vivenciadas, conseguindo assim respeitar toda essa herança histórica, através de apresentações com mestres de saberes locais, explanação da produção cultural das famílias, transformando o ambiente escolar em um território de trocas simbólicas.

Na realidade, cada família transmite a seus filhos, mais por vias indiretas que diretas, um certo capital cultural e um certo *ethos*, sistema de valores implícitos e profundamente interiorizados, que contribui para definir, entre outras coisas, as atitudes face ao capital cultural e à instituição escolar. A herança cultural, que difere, sob dois aspectos, segundo as classes sociais, é a responsável pela diferença inicial das crianças diante da experiência escolar e, conseqüentemente, pelas taxas de êxito. (BOURDIEU, 2012, p.41- 42).

Segundo Bourdieu, capital cultural é um conjunto de conhecimentos, códigos linguísticos, costumes, valores e crenças transmitidos principalmente dentro do ciclo familiar. Esse capital, ou herança cultural produzida pela família, no entanto, depende e está fortemente relacionado ao nível cultural e condição social das mesmas. Famílias que possuem um poder econômico maior tem também mais acesso à cultura e, portanto, podem transmitir aos filhos uma carga cultural bem mais abrangente. “Como essa familiaridade com a cultura é transmitida de maneira fluída e natural, muitas vezes até imperceptível no interior do contexto familiar, ela acaba por reforçar a ideia das qualidades inatas ou dons”. Nesse sentido, Bourdieu destaca que

a escola, embora tida e diga-se “libertadora”, funciona como um método de disfarce para perpetuar e legitimar as desigualdades.

Neste contexto, a herança cultural dos alunos se manifesta em suas práticas, crenças, valores e tradições, transmitidos de geração em geração e que moldam suas identidades. Porém, a diversidade cultural, embora rica e valiosa, pode apresentar desafios significativos para a escola. É necessário criar um espaço onde todas as culturas sejam não apenas reconhecidas, mas celebradas, permitindo que cada aluno se sinta valorizado e incluído.

A cultura da elite é tão próxima da cultura escolar que as crianças originárias de um meio pequeno burguês não podem adquirir, senão penosamente, o que é herdado pelos filhos das classes cultivadas: o estilo, o bom gosto, o talento, em síntese, essas atitudes e aptidões que só parecem naturais e naturalmente exigíveis dos membros da classe cultivada, porque constituem a “cultura” dessa classe. Não recebendo de sua família nada que lhe possa servir em sua atividade escolar, a não ser uma espécie de boa vontade cultural vazia, os filhos das classes médias são forçados a tudo esperar e a tudo receber da escola, e sujeitos, ainda por cima, a ser repreendidos pela escola por suas condutas por demais “escolares”. (BOURDIEU, 2002, p.55).

O simples fato de ignorar as desigualdades culturais entre as crianças de diferentes classes (no âmbito de conteúdos, do ensino, métodos, técnicas e critérios de avaliação) já favorece os mais favorecidos e desfavorece os mais desfavorecidos. A igualdade ritual que pauta a prática pedagógica e trata todos os educandos como iguais, mascara e justifica a indiferença no que diz respeito às desigualdades reais diante do ensino e da cultura exigida. A tradição pedagógica “para o despertar dos dons adormecidos”, pautada em ideias inquestionáveis de igualdade e universalidade faz da escola uma das instituições principais de manutenção dos privilégios. A escola exige de todos, um capital cultural - conhecimentos e habilidades - que as diferentes classes sociais só transmitem de forma desigual. Esse tipo de metodologia cria, de forma direta ou indireta, obstáculos cumulativos que ao longo da escolaridade pesarão com mais rigor sobre as classes menos favorecidas. Assim, as vantagens e desvantagens sociais são convertidas em vantagens e desvantagens escolares, criando um ciclo que sanciona as desigualdades.

Para Bourdieu o capital cultural pode ser descrito sob três formas:

O estado incorporado está ligado ao corpo, nele o sujeito assimila, acumula, incorpora o capital cultural, um investimento pessoal que pressupõe tempo do investidor e não pode ser transmitido de forma hereditária, por doação, compra ou troca. É um trabalho do sujeito sobre si mesmo. Um capital “pessoal” que não pode ser acumulado para além das capacidades de apropriação de um ser singular.

No estado objetivado, o capital cultural surge sob a forma de bens culturais que passam a existir em suportes materiais como escritos, pinturas, monumentos, etc. Esses bens culturais podem ser objeto de apropriação em sua materialidade, uma coleção de quadros pode ser doada, vendida, trocada, mas a posse desses bens não lhes garante a apropriação simbólica específica que lhe permita desfrutar dos mesmos.

Já no estado institucionalizado, o capital cultural solidifica-se na forma de diplomas e certificações que conferem ao seu portador um valor convencional, judicialmente garantido no que diz respeito à cultura. Eles permitem estabelecer taxas de conversão entre o capital cultural e o capital econômico, contudo, os benefícios materiais e simbólicos que o certificado escolar garante, depende também de sua raridade. Pode ocorrer que o investimento em tempo e esforços sejam menos lucrativos do que se previa no momento em que foram realizados.

O investimento escolar só tem sentido se um mínimo de reversibilidade do que se investiu for garantido em conversão objetiva. O rendimento econômico e social do certificado escolar, por sua vez, depende do capital social e do rendimento escolar do aluno e o rendimento escolar, depende do capital cultural previamente investido pela família. Tendo em vista que a cultura escolar é muito próxima da cultura das elites, o peso da instituição escolar mais uma vez recai sobre as classes menos favorecidas. As crianças que por falta de capital cultural têm menos oportunidade que as outras de demonstrar um êxito excepcional, são pressionadas por familiares e professores a demonstrar um resultado mais forte para prosseguir seus estudos. De acordo com Bourdieu e Passeron:

A escola elimina continuamente os alunos originários dos meios menos favorecidos, culminando em obstáculos culturais perceptíveis nas diferenças de atitudes e aptidões significativamente ligadas à origem social, interferindo na formação do estudante, mesmo que este tenha permanecido durante quinze a vinte anos sob a ação homogeneizante da escola. (BOURDIEU e PASSERON, 2014, p. 19-20):

Psicólogos ressaltam que o nível de ambição dos indivíduos é determinado em grande parte, em alusão as possibilidades de atingir o alvo visado. Estudantes que não conseguem acompanhar o processo escolar por falta de significados lógicos à sua realidade, refugiam-se numa espécie de atitude negativa, que desconcentra os educadores e se demonstra em formas de desordem, ou simplesmente evadem da escola. Um mecanismo de seleção, segregação e eliminação de crianças, que sempre existiu nas escolas, mas que hoje acontece de modo bem mais dissimulado, sob o viés de uma educação “libertadora”.

Estamos imersos em uma cultura que aceita e naturaliza o fracasso escolar, em geral culpando e penalizando o estudante por não aprender. Faz-se necessário uma pedagogia racional, que não considere como dado o que apenas alguns herdaram, que se obrigue e se aplique

em dar a todos os meios de adquirir aquilo que não é dado. Diante dessa problemática Candau e Anhorn (2000, p.2) afirmam que "hoje se faz cada vez mais urgente à incorporação da dimensão cultural na prática pedagógica". É preciso encontrar meios eficazes de dar a todos, os conhecimentos e as habilidades que a escola exige de todos, mas que é recebido de forma desigual, dependendo do meio em que se está inserido. Uma pedagogia que transforme herança cultural em capital escolar.

O reconhecimento da herança cultural dos alunos é fundamental no contexto educacional, pois reflete a valorização e a inclusão das múltiplas identidades que compõem a sociedade. Esse reconhecimento não apenas enriquece o ambiente escolar, mas favorece um aprendizado mais significativo e diversificado, onde todos os alunos se sentem representados e valorizados. Esse reconhecimento precisa acontecer no âmbito da educação, tornando esse um ambiente inclusivo, permitindo assim, que a autoestima e identidade cultural de cada um sejam respeitadas. Além disso, essa valorização fomenta a empatia e o respeito entre os alunos, promovendo uma convivência harmoniosa e colaborativa. A educação que reconhece e respeita as diferentes culturas contribui para a formação de cidadãos mais críticos e conscientes de sua identidade e do mundo ao seu redor.

É possível citar as diversas formas como se manifesta a cultura dos alunos, como nas tradições, idiomas, festas, danças, músicas e culinária. Em uma sala de aula composta por alunos de diferentes origens étnicas, podemos encontrar festividades específicas, cada uma traz consigo um conjunto de valores, crenças e saberes que enriquecem o ambiente escolar. Além disso, a língua materna de cada aluno é uma parte essencial de sua herança cultural, e seu reconhecimento pode facilitar a aprendizagem e a comunicação dentro da sala de aula.

Apesar da importância do reconhecimento da herança cultural, existem desafios significativos que podem dificultar esse processo. Um dos principais obstáculos é o preconceito e a discriminação que ainda persistem em muitas sociedades, levando à marginalização de certas culturas. Outro desafio é a falta de formação adequada dos educadores, que podem não estar preparados para lidar com a diversidade cultural presente em suas salas de aula. Além disso, o currículo escolar muitas vezes não contempla ou valoriza adequadamente as diversas culturas, limitando a visibilidade e o reconhecimento da herança cultural dos alunos. Para superar esses desafios, é necessário

um esforço conjunto de educadores, gestores e comunidades para promover uma educação que celebre a diversidade cultural e promova a inclusão.

A inclusão da herança cultural dos alunos nas práticas pedagógicas é fundamental para a construção de um ambiente educacional que respeite e valorize a diversidade. As práticas pedagógicas inclusivas não apenas enriquecem o aprendizado, mas também promovem um senso de pertencimento entre os estudantes, reforçando a identidade cultural e o respeito mútuo. Para que isso ocorra de forma eficaz, é essencial adotar métodos que integrem a cultura dos alunos no currículo, desenvolver atividades que incentivem a troca cultural e, acima de tudo, garantir o respeito às tradições culturais.

Integrar a cultura dos alunos no currículo requer uma abordagem que vá além da mera inclusão de conteúdos. É necessário repensar as metodologias de ensino, incorporando práticas que permitam uma aprendizagem significativa e contextualizada. Por exemplo, os educadores podem promover projetos temáticos que envolvam as histórias, lendas e tradições das diferentes culturas representadas na sala de aula. A utilização de recursos como literatura, música, danças e artes visuais oriundas das diversas heranças culturais pode enriquecer o currículo, tornando-o mais dinâmico e representativo. Além disso, o uso de narrativas pessoais, onde os alunos compartilham suas experiências e histórias familiares, pode criar um espaço de aprendizado colaborativo. Essa troca não só valoriza a cultura de cada estudante, mas também estimula a empatia e a compreensão entre os alunos de diferentes origens.

A capacitação dos docentes em temas relacionados à diversidade cultural é essencial para que possam reconhecer e valorizar as especificidades de cada aluno. Programas de formação continuada que abordem a história, as tradições e as realidades socioculturais dos diferentes grupos presentes na comunidade escolar são indispensáveis. Essa formação deve incluir não apenas a teoria, mas também práticas que os professores possam executar em sala de aula. Ao estarem preparados, os educadores se tornam agentes facilitadores de um ambiente inclusivo, onde todos os alunos se sintam representados e respeitados. Através de formação adequada os profissionais adquirem sensibilidade possibilitando assim o enriquecimento da prática pedagógica, porém o olhar empático acolhedor só será refinado se o professor começar a promover ações mais próximas a vida dos estudantes, como visita a comunidade, participação dos eventos culturais, entre outros eventos e momentos propícios.

## **METODOLOGIA**

Mesmo compreendendo que o método científico é uma das melhores formas para construção de conhecimento, optou-se ainda, pela pesquisa bibliográfica com ênfase em leitura e observação. Levantar hipóteses através da observação, baseado em conhecimentos prévios também fortalecem a pesquisa e garante uma aproximação fidedigna dos fatos que deseja confirmar. Segundo Marconi e Lakatos (1996), a pesquisa bibliográfica compreende a análise de documentos públicos e tem por finalidade proporcionar ao pesquisador um contato direto com tudo que foi escrito e dito sobre determinado tema. Dada à importância do método de pesquisa, a mesma é defendida por vários autores, dentre eles vamos citar, Prodanov e Freitas, que ressaltam que:

[...] elaborada a partir de material já publicado, constituído principalmente de: livros, revistas, publicações em periódicos e artigos científicos, jornais, boletins, monografias, dissertações, teses, material cartográfico, internet, com o objetivo de colocar o pesquisador em contato direto com todo material já escrito sobre o assunto da pesquisa. Na pesquisa bibliográfica, é importante que o pesquisador verifique a veracidade dos dados obtidos, observando as possíveis incoerências ou contradições que as obras possam apresentar (PRODANOV; FREITAS, 2013, p. 54).

O método escolhido é o mais adequado para o momento, pois, aborda situações amplas que podem ser analisadas em curto prazo, favorecendo o tempo e a amplitude da pesquisa. Revela situações conflitantes e pontos de vista diferentes os quais permitem o autor a formular e confirmar suas próprias hipóteses. O estudo em pauta ficou focado numa abordagem qualitativa, sem dados quantitativos, o qual garante clareza nos fatos apresentados.

## **RESULTADOS E DISCUSSÃO**

Este artigo propôs explorar a postura da escola em relação à herança cultural dos alunos, discutindo a importância do reconhecimento dessa diversidade na educação, apresentando práticas pedagógicas inclusivas, abordando a formação necessária dos educadores e, finalmente, refletindo sobre o impacto que essa valorização cultural tem na formação de uma sociedade mais justa e equitativa. Através dessa análise, foi possível compreender como a escola pode se tornar um espaço de acolhimento e respeito às múltiplas vozes que compõem a rica tapeçaria cultural de nossos alunos.

Para fomentar a troca cultural, é importante desenvolver atividades que incentivem a interação e o diálogo entre os alunos. Uma opção são as feiras culturais, onde cada estudante pode apresentar aspectos de sua herança cultural, como pratos típicos, danças, músicas e vestimentas. Essas feiras não apenas possibilitam que os

alunos aprendam sobre as culturas uns dos outros, mas também promovem a valorização do patrimônio cultural de cada indivíduo.

Outra atividade eficaz é a realização de intercâmbios culturais, onde as escolas podem estabelecer parcerias com instituições de diferentes regiões ou países. Esses intercâmbios podem incluir visitas, troca de correspondências e até projetos colaborativos, permitindo que os alunos vivenciem outras culturas de forma direta.

## **CONSIDERAÇÕES FINAIS**

A participação efetiva das famílias na vida do educando, sendo essa prática uma hábito em nível cultural, cria um elo mais estreito das relações com a escola, o que propicia êxito nas ações realizadas. Nesse contexto surge o conceito de “capital cultural”. A cultura ou o acesso e acúmulo de saberes e informações que um indivíduo possui e desenvolve ao longo do tempo é um recurso de poder, tal qual o capital econômico, capaz de interferir e determinar o êxito ou o fracasso escolar. A escola, embora diga-se “libertadora” é na verdade um dos fatores mais eficazes de conservação de privilégios, pois legitima as desigualdades sociais ao ‘tratar a herança cultural e o dom social como dons naturais’, sem levar em conta o impacto que estes têm na experiência escolar e nas taxas de êxito. A escola, portanto, deixa de ser uma instituição neutra, pois reproduz a pedagogia elitista das classes mais abastadas, corroborando com o insucesso de estudantes das classes menos privilegiadas e contribuindo para produzir e reproduzir desigualdades sociais, ou ilhas cada vez maiores no processo de ensino aprendido.

É preciso, romper com as práticas que legalizam o saber apenas nas habilidades relativas ou individuais, além de expor e repelir os mecanismos pelos quais o sistema de ensino transforma as diferenças resultantes da herança cultural em desigualdade escolar. As escolas e o ensino precisam ser uma fonte de esperança para famílias e jovens que possuem um capital econômico reduzido e por isso não podem investir o suficiente em capital cultural. As vantagens e desvantagens sociais não podem e não devem ser convertidas em vantagens e desvantagens escolares.

A escola que ignora a herança cultural de seus alunos pratica uma forma de silenciamento. Por outro lado, a escola que a abraça transforma o processo educativo em uma experiência significativa, potente e verdadeiramente democrática.

O respeito às tradições culturais é um pilar fundamental para o sucesso das práticas pedagógicas inclusivas. Os educadores devem promover um ambiente onde

todas as culturas sejam respeitadas e valorizadas. Isso envolve não apenas a inclusão de conteúdos culturais no currículo, mas também o combate a preconceitos e estereótipos que possam surgir.

É crucial que os educadores se tornem mediadores desse respeito, estabelecendo normas de convivência que promovam a diversidade e a aceitação. Atividades de sensibilização, como debates e discussões em sala de aula sobre a importância da diversidade cultural, podem ajudar a criar uma consciência crítica entre os alunos, preparando-os para um mundo cada vez mais plural.

Em suma, as práticas pedagógicas inclusivas desempenham um papel vital na valorização da herança cultural dos alunos. Ao integrar suas culturas no ambiente escolar, promover a troca cultural e respeitar as tradições, as escolas podem se tornar verdadeiros espaços de aprendizado, diversidade e convivência harmoniosa.

A reflexão sobre a postura da escola diante da herança cultural dos alunos revela-se essencial para a construção de um ambiente educacional inclusivo e respeitoso. Ao reconhecer e valorizar as diversas expressões culturais presentes na comunidade escolar, as instituições de ensino não apenas promovem um espaço de aprendizado mais rico e dinâmico, mas também contribuem para a formação de cidadãos mais conscientes e respeitosos com as diferenças.

## REFERÊNCIAS

BOURDIEU, P. A escola conservadora: as desigualdades frente à escola e à cultura. In: NOGUEIRA, M. A.; CATANI, A. (Orgs.). **Escritos da educação**. Petrópolis: Vozes, 2002

BOURDIEU, Pierre. **O poder simbólico**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

BOURDIEU, P.; PASSERON, J-C. **A reprodução: elementos para uma teoria do sistema de ensino**. Tradução de Reynaldo Bairão. 7. ed. Petrópolis: Vozes, 2014.

CANDAU, Vera Maria Ferrão. ANHORN, Carmen Teresa Gabriel. **A questão didática e a perspectiva multicultural: uma articulação necessária**. 2000. (artigo científico). Disponível em: <http://www.anped.org.br/23/textos/0413t.PDF>. Acesso em: 23 maio 2004.

FIGUEREDO, S. M. S., & Senna, L. A. G. (2024). **O bilinguismo cultural na alfabetização**. *Revista Tempos e Espaços em Educação*, 17(36), e20955. <http://dx.doi.org/10.20952/revtee.v17i36.20955>

PRODANOV, C. C.; FREITAS, E. C. **Metodologia do trabalho científico: métodos e técnicas da pesquisa e do trabalho acadêmico**. Novo Hamburgo, RS: Feevale, 2013.

MARCONI, M. de A. e LAKATOS, E. M. **Técnicas de Pesquisa: pesquisa, planejamento e execução de pesquisas, amostragens e técnicas de pesquisa elaboração, análise e interpretação de dados.** Revisada e ampliada. São Paulo, SP: Atlas, 1999.